

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS e UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM;
PORQUE OCORREM E COMO DEVEM SER TRABALHADAS

GISELE SILVA DA COSTA

1620

MONOGRAFIA apresentada como exigên-
cia parcial para aprovação na Dis-
ciplina EP-150 - Sistemática do
Trabalho Individual e de Grupo.

Campinas, 25 de junho de 1990.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	pág 2
FATORES QUE CAUSAM DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM.....	3
Uma retrospectiva de como as dificuldades na aprendizagem vêm sendo estudadas	
Fatores determinantes de dificuldades	
Fator físico	
Fator psicológico	
Fator emocional	
As Condições Pedagógicas como determinantes de dificuldades	
O problema da inadaptação escolar	
O meio sócio-econômico-cultural como fator determinante de dificuldades	
A privação cultural	
DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM.....	19
POSTURAS DO PROFESSOR.....	23
CONCLUSÕES.....	26
NOTAS.....	28
BIBLIOGRAFIA.....	30

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

INTRODUÇÃO

O objetivo desta Monografia é tentar traçar, em linhas gerais, os diversos fatores e tipos de dificuldades de aprendizagem e como lidar com elas.

Resolvi fazer esse trabalho porque ao me formar no Magistério e assumir uma sala de aula, deparei-me com crianças que apresentavam os mais variados tipos de dificuldades e eu não tinha base suficiente para lidar com eles de maneira satisfatória. Cometi vários erros por falta de informações que me indicassem a maneira "correta" de agir em cada caso.

Com este trabalho, pretendo satisfazer as minhas próprias indagações, baseadas nas experiências que tive.

FATORES QUE CAUSAM DIFICULDADES NA APRENDIZAGEM

Uma retrospectiva de como as dificuldades de aprendizagem vêm sendo estudadas.

O estudo desse tema sempre esteve ligado a uma área da Psicologia: a Psicologia das Diferenças Individuais.

Essa área tenta explicar as formas diferentes de desempenho de indivíduos que estão integrados num todo social em termos de diferenças individuais de personalidade, de rendimento intelectual, ou de acordo com diferenças grupais, culturais, étnicas, etc.

É nessa linha que a psicologia tradicionalmente tem tentado explicar, para os educadores por que algumas crianças vão bem na escola e outras não, por que crianças de uma determinada classe social têm melhor rendimento do que as de uma outra classe social.

No final da década de 50 e no começo da década de 60, o Governo Norte-Americano financiou uma série de pesquisas que tentavam responder a seguinte questão: por que é que as crianças das minorias raciais - que na sociedade norte-americana são as crianças provenientes de famílias de nível sócio-econômico mais baixo - não conseguem se escolarizar com sucesso? Foi mobilizado, então, um grande número de pedagogos, psicólogos, sociólogos, etc., que responderam a essa pergunta de uma maneira que é muito viva entre nós e determina a maneira como pensamos o aluno das escolas de periferia e seu rendimento. Através de pesquisas, incluindo a vida familiar, concluiu-se que essas crianças iam mal na escola porque eram portadoras de inúmeras deficiências. Com isso contribuiu-se para a formação de uma imagem negativa da criança de "classe baixa"; afirmava-se que essas crianças

viviam em ambientes familiares desfavoráveis para um desenvolvimento psicológico saudável, adequado. Afirmava-se que essas crianças eram deficientes porque suas famílias eram deficientes.

É importante ressaltar que esse foi um primeiro momento da explicação científica da questão: as causas das dificuldades escolares encontravam-se na criança, porque ela era portadora de atraso no desenvolvimento psicomotor, perceptivo, lingüístico, cognitivo, emocional. Planta-se, assim, no pensamento educacional dos Estados Unidos e de todos os países que importaram esses conhecimentos de uma maneira acrítica - entre eles o Brasil - a concepção de que estamos diante de carentes ou deficientes culturais.

Fatores determinantes de dificuldades

As dificuldades de aprendizagem sempre determinam um mau aproveitamento escolar, levando geralmente à evasão e repetência escolar.

Essa questão é inesgotável e podemos apontar algumas causas: fator físico, psicológica, emocional, condições pedagógicas e o meio sócio-econômico-cultural onde vive a criança. As dificuldades nunca são causadas por um só fator e não se pode dar maior ou menor importância a um ou a outro, todos eles se interligam num determinado contexto.

Fator físico

Como fator físico que podem causar dificuldades na aprendizagem podemos citar: a saúde - visão, audição, desnutrição. No caso dos dois primeiros (visão e audição) com os devidos encaminhamentos à especialistas, as dificuldades

serão amenizadas. Trataremos o terceiro: a desnutrição.

A desnutrição, muitas vezes, é usada como bode expiatório, é atribuído como único fator do fracasso escolar. É um problema grave que requer posições políticas e econômicas mais sérias e não medidas paliativas, isoladas. Não cabe à pobreza da família, a responsabilidade pelas dificuldades e conseqüentemente, fracassos da criança que é ou foi desnutrida.

Os testes de inteligência são usados para provar a inferioridade mental de crianças desnutridas, só que criando situações artificiais que não levam em conta a vida destas crianças.

São comuns as declarações simplistas e dogmáticas de vários especialistas, de que a desnutrição é uma grande barreira que emperra e desgasta os objetivos e métodos educacionais. É jogada pra cima da desnutrição a responsabilidade dos altos índices de fracasso escolar. Numa pesquisa realizada, anos atrás, por uma equipe interdisciplinar, verificou-se que, numa escola onde o índice de retenção girava em torno de 70%, apenas 12% das crianças tinham algum problema físico que pudesse, de alguma maneira, responder pelas dificuldades de aprender. Com isso, prova-se que algo mais acontece.⁽¹⁾

Empurrar a responsabilidade para cima da criança e sua família, é uma maneira cômoda, porque se a desnutrição compromete o desenvolvimento mental, como esperar que a escola supra essas limitações? O culpado pelo fracasso é o próprio aluno e sua família que não se alimentam adequadamente.

Assim, a superação das dificuldades dessas crianças dependeria de uma alimentação adequada. Mas a desnutrição é apenas um fator entre muitos outros que podem comprometer o crescimento e desenvolvimento do sistema nervoso, impedindo

a criança de usar seu potencial máximo. Outros fatores como ambiente, estimulações, etc., também são importantes para o desenvolvimento cognitivo.

"Deve-se analisar a má-nutrição ao lado de muitas outras variáveis, algumas nem identificáveis, sempre interdependentes, como integrante de um complexo de doença social, sendo impossível estabelecer limites nítidos quanto à importância de cada um desses fatores como agente causal em relação a qualquer efeito que se pretenda estudar."⁽²⁾

A desnutrição não é por acaso, é determinada pelas condições sócio-econômicas. Isso implica o nível de escolarização dos pais, a linguagem, estímulos para a criança a importância dada à escola, enfim, valores sociais e culturais que modulam o desenvolvimento da criança. Não há como separar a ação da desnutrição (que é um aspecto físico) da influência de tudo que cerca a criança do seu contexto de vida.

Fator psicológico

O fator psicológico também contribui para o surgimento ou crescimento das dificuldades na aprendizagem. Um exemplo é a disponibilidade afetiva.

Se observarmos um grupo de alunos, veremos diferenças na disposição destes para desempenhar uma determinada tarefa. Uns podem encará-la como dever ou exigência. Outros apresentarão evidente interesse e desejo de aprendê-la. E finalmente alguns, a enfrentarão com um desagrado total.

Isso ocorre se a tarefa for exigida. Quando a tarefa de aprendizagem é algo que os alunos querem fazer ou são motivados a isso, a executam-na mais confiantes porque consideram a tarefa como uma coisa boa de ser aprendida,

acreditam que podem aprendê-la e estão preparados para es-
forçarem-se para conseguirem isso. Portanto, os indivíduos
variam na maneira pela qual se preparam para aprender.

Essa disponibilidade depende da experiência ante-
rior que o aluno teve antes de realizar uma tarefa e outra e
no decorrer da mesma. Se ele na tarefa anterior se sentiu
frustrado ou não conseguiu transpor obstáculos da aprendiza-
gem, provavelmente, se recusará a executar a tarefa seguin-
te, pois não se sentirá confiante ou capaz de desempenhá-la.

No decorrer do ano escolar, o aluno defronta-se
com inúmeras tarefas de aprendizagem. Enquanto desempenha
uma dessas tarefas, ela tem um sentimento de capacidade ou
incapacidade de fazê-la. Esse sentimento é reforçado ou al-
terado pelas "notas" (e/ou elogios, broncas) que recebe dos
professores em diferentes momentos.

À medida que esses vários indicadores vão se acu-
mulando, no decorrer das tarefas e dos anos, o aluno passa
a generalizar sua capacidade ou incapacidade para realizar
as tarefas de aprendizagem.

Se os resultados que obteve foram positivos, é
provável que desenvolva uma atitude positiva em relação à
escola e à aprendizagem. Mas se esses resultados forem ne-
gativos, o aluno se convencerá que é realmente incapaz e
desenvolverá atitudes negativas em relação à escola e à
aprendizagem.

A disponibilidade afetiva seria, portanto, a ma-
neira como o aluno encara a escola e a aprendizagem (de for-
ma negativa ou positiva). O aluno que acumulou uma certa
quantidade de fracassos, terá uma disposição afetiva nega-
tiva em relação à aprendizagem, apresentando problemas para
aprender porque se considera incapaz para isso. O aluno ela

bora sua opinião a respeito da escola a partir das experiências de sucesso ou fracasso que passou.

É importante ressaltar, no fator psicológico, os testes de inteligência que são aplicados nas crianças. Esses testes medem mais a capacidade de emissão de respostas consideradas certas ou erradas do que os processos mentais. São, ainda muito mais inadequados para medir o nível de inteligência das crianças das camadas populares do que de crianças que já estão familiarizadas com os materiais, vocabulários, utilizados em tais testes.

Citarei algumas questões incluídas em testes utilizados em clínicas psicológicas:

Qual a semelhança entre um piano e um violino?

Por que é melhor morar em uma casa de tijolos do que em uma casa de madeira?

Evidentemente, o resultado só poderia ser muito baixo, mas certamente a criança das classes populares é muito mais inteligente do que se imagina partindo dos resultados desses testes.

Fator Emocional

Para que a criança passe pelo o processo de aprendizagem de forma tranqüila, é necessário que ela possua um equilíbrio emocional, pois se a criança é imatura ou instável emocionalmente, apresentará dificuldades dos mais variados tipos, que muitas vezes, o professor não está preparado para enfrentar ou resolver.

"O ingrediente essencial para o sucesso da maioria das crianças é uma relação positiva com seus pais e com o envolvimento deles em assuntos intelectuais." (3)

Às vezes, os pais, por se preocuparem com o futuro dos filhos, exigem destes o estudo de forma "satisfatória". Mas a criança não consegue enxergar o futuro, que é para ela algo distante, incompreensível e inimaginável. Essa cobrança dos pais gera uma tensão muito grande na criança, que se vê obrigada a responder a todas as expectativas dos pais.

Os pais não devem forçar a criança a ir para a escola porque estas temem que eles as mandam para a escola, para se verem livres delas. O interesse dos pais pelo sucesso dos filhos deve se voltar para o dia-a-dia, pois é assim que a criança vive e entende a vida.

Vamos citar um exemplo onde a parte emocional influenciou diretamente no aprendizado da criança.

Ella era uma boa aluna (tirava notas boas) e de repente começou a "fracassar" na escola, tirando notas baixas em quase todas as disciplinas.

Seus pais valorizavam muito o estudo e seu irmão mais velho era um "aluno exemplar".

Ella largou os estudos e passou a assistir T.V. o tempo todo. Sua mãe passou a controlar o tempo de T.V. e fazê-la ler "bons" livros. Ao procurar um especialista, a mãe mencionou o fato de ter se separado do marido. Passou a cobrar mais empenho dos filhos porque se viu sozinha.

O que não ocorreu a essa mãe é que sua filha poderia ter razões válidas para se comportar assim; não se preocupou em verificar que razões eram essas. Ao contrário, achou que a procura de divertimento fácil (assistir T.V.) era uma explicação suficiente para o comportamento da menina.

Na realidade, a mãe ao exigir mais dos filhos e Ella ao "largar" os estudos, queriam a mesma coisa: o retorno do pai à família.

A menina via a importância que seu pai dava ao estudo, por isso resolveu utilizar essa importância para atingir seu objetivo mais importante naquele momento: fazê-lo voltar pra casa.

"Ella era bastante esperta para saber que se continuasse a ter média na escola, seu pai interpretaria isso como querendo dizer que estava tudo bem, apesar de sua saída de casa, não havendo, portanto, necessidade de que ele voltasse. Seu fracasso total - o que nunca tinha acontecido antes - poderia preocupá-lo a ponto de fazer com que as coisas voltassem ao que eram: ele viria para casa e ela tornaria a tirar notas boas." (4)

O fracasso da menina era um artifício para trazer o pai de volta. A mãe preocupada com seus problemas, só não queria mais um desgosto, o fracasso dos filhos.

A mãe julgou a atitude da filha como irresponsável, que não via a importância do estudo, mas foi justamente o contrário, por ver essa importância, usou-a para atingir seu objetivo naquele momento (como já disse a criança não tem noção de futuro para ver que estava prejudicando a si mesma, também).

É lógico que esse é um exemplo isolado, não podemos generalizar porque cada ambiente familiar tem suas características próprias.

Quando o pai abandona o lar, a criança se sente responsável pela conduta do pai.

O fundamento desse sentimento de responsabilidade que a criança experimenta quando se dá a separação dos pais, na realidade externa, decorre das fantasias que a criança faz de separá-los. Isso ocorre porque às vezes, a criança sente a necessidade da mãe e esta não pode atendê-la porque está com o pai. Para estar com a mãe, a criança tem fantasias

de afastar o pai e quando isso ocorre, na realidade, a criança se sente má porque dá ao pensamento a força de produzir acontecimentos: as coisas acontecem só porque ela pensou ou fantasiou.

A separação dos pais é vivida pela criança como catástrofe, ela se sente em estado de remorso e culpa ou então quando seu estado de desenvolvimento emocional está incompleto, não permitindo a ela experimentar a dor e a tristeza, passa a se defender por meio da agitação, ou fica em depressão ou em estado permanente de defesa maníaca, causando assim obstáculos para que ela aprenda de maneira natural.

O relacionamento com a mãe influencia, e muito, no desenvolvimento emocional da criança. Quando ocorre uma menor interação da mãe com o filho, pode haver um comportamento emotivo extremamente instável ocorrendo menor habilidade para solucionar problemas.

"Os fatos da observação de algumas sociedades mostram que a criança ou por interrupção prematura de contato com a mãe e ausência de substituta adequada e oportuna ou por contato inadequado com a mãe, se torna um adulto emocionalmente imaturo."(5)

O comportamento da criança, às vezes, é uma reprodução da maneira como a mãe se comporta com ela. Por exemplo, a criança chega na escola e bate nas outras crianças. Não é ela que está batendo, mas a mãe que está dentro dela, introjetada como castigadora. Geralmente, quando a criança se relaciona mal em casa, se relaciona mal na escola.

Do ponto de vista emocional, para que a criança tenha bom desempenho escolar, é necessário que ela esteja em integração com a escola e não tenha um comportamento de simples adaptação.

A parte emocional tem grande influência na criança

mas devemos tomar cuidado para não cairmos no "mito da carência afetiva".

Esse mito é que afirma-se que as crianças das classes mais baixas sofrem de carência afetiva. É possível que haja carência afetiva entre as crianças das populações mais exploradas, devido às condições difíceis de trabalho e de vida de suas famílias. Mas não se justifica a "rotulação" de que toda criança pobre é portadora de carência afetiva. Dizer isso significa afirmar a incapacidade de toda uma classe social amar seus filhos. Essas famílias possuem diferentes formas de amor e utilizam a forma que lhes é socialmente possível. Não é verdadeiro afirmar que todos os pais são bêbados, todas as mães são prostitutas e todas as famílias são desintegradas. Não viver numa família organizada de acordo com os padrões tradicionais não significa que se está vivendo numa família desorganizada.

Na verdade, existem muitas mães carinhosas com seus filhos nos bairros periféricos e muitas mães agressivas, rejeitadoras nas famílias das classes média e alta.

As Condições Pedagógicas como determinantes das dificuldades

"A aprendizagem influencia nossas vidas a todo momento sendo responsável, em parte, pelo o que há de melhor e de pior nos seres humanos e em cada um de nós." (6)

O homem é um ser curioso que explora o Universo à sua volta. Através da aprendizagem se instrumentaliza para enriquecer seus contatos com o mundo. A aprendizagem mostra a tendência do homem de explorar as coisas. Se essa tendência for tolhida, a aprendizagem torna-se uma coisa chata, desmotivada, que não tem razão de ser.

O homem não se contentou só em aprender, quis saber como se aprende. Por quase toda a história da humanidade o homem não se preocupou como se daria o processo de aprendizagem (pai ensina filho, etc). Não havia necessidade de teorias de aprendizagem.

Quando criou-se as escolas, a situação complicou, ensinar já não era tão simples. As matérias ensinadas na escola eram diferentes dos assuntos aprendidos na vida diária. O valor dessas matérias para a rotina do dia-a-dia era obscuro.

Quando a educação formalizou-se nas escolas, os professores perceberam que a aprendizagem na escola era ineficiente. O conteúdo poderia ser apresentado diversas vezes sem resultados. Surgiu o desinteresse dos alunos, outros tornaram-se rebeldes; as salas de aula tornaram-se campos de batalhas entre professor e aluno. Por que? Porque a escola simplesmente estava desvinculada da realidade, os alunos não viam motivo nem necessidade de aprender "aquelas coisas". Os professores e pais de alunos obrigavam as crianças e jovens a irem para a escola porque criou-se o mito de que criança não gosta mesmo de escola, só quer brincar. Acha natural que os alunos não gostem da escola e resistem à aprendizagem. Mas não refletiram sobre o porquê dessa resistência; não analisaram onde estava o erro.

A escola, ao invés de desempenhar principalmente uma função de seleção e classificação, deveria ter como função primordial a de ajudar os alunos a se desenvolverem educacionalmente. Alunos que são diferentes uns dos outros.

A presença de diferenças individuais na aprendizagem é incontestável, mas deve haver o cuidado de não transferir para a pessoa do aluno todas as causas de problemas educacionais. Estes devem ser procurados na interação entre

os indivíduos e os meios educacionais e sociais, aos quais os alunos estiverem expostos.

O sistema escolar provoca diferenças individuais pois o mesmo ensino ministrado por um grupo de 40 alunos, por exemplo, pode ser eficiente para alguns e relativamente ineficiente para outros.

A escola, alheia à comunidade, impõe conceitos e valores de outra classe, criando uma tensão durante toda a escolarização. A criança não se sente integrada estando numa situação constante de prova, teste, onde a tensão se mantém e a criança e sua família são pré-julgados e responsabilizados pelo fracasso.

O que deve ser valorizado é a vida de uma criança e não o resultado de um teste. "São crianças que não passam na prova de ritmo mas sabem fazer uma batucada; crianças que não sabem dizer os meses do ano mas sabem a época de plantar e colher. Não têm criatividade mas fazem seus brinquedos do nada. Crianças que não aprendem nada mas aprendem e assimilam o conceito básico que a escola lhe transmite, o mito da ascensão social, da igualdade de oportunidades e depois assumem toda a responsabilidade pelo seu fracasso escolar"⁽⁷⁾

O que temos que verificar é a contribuição das próprias práticas escolares na produção de dificuldades na aprendizagem. Por exemplo: se o professor profetiza que uma criança não vai ser bem sucedida, isso pode acabar acontecendo porque o professor tende a trabalhar e a lidar com a criança (que julga incapaz de aprender) de formas que não permitem que ela aprenda ou que dificultem a aprendizagem.

Até um determinado momento foi a criança a fonte da dificuldade; agora o centro da análise deve ser o processo de produção do fracasso escolar dentro da instituição escola. Aqui, a qualidade da relação professor-aluno deve assumir uma

importância que não tinha anteriormente. Numa relação sem vínculos, tanto de quem ensina como de quem aprende, dificilmente haverá aprendizagem. Não se trata de mudar o culpado: se antes os culpados eram o aluno e sua família, agora não pode ser o professor o culpado pelas dificuldades e fracassos escolares.

O problema da inadaptação escolar

Um número expressivo de alunos não consegue aprender e abandona a escola.

Seria fácil afirmar que esses alunos não se adaptam por se apresentarem à escola sem os pré-requisitos necessários. Mas pode a escola cobrar essas experiências dos alunos? Ou deve ser mais flexível à realidade em que está inserida?

Às vezes a escola não está compatibilizando suas exigências com as motivações da criança. O professor deve estar preparado e ter criatividade para lidar com alunos das mais variadas condições e procedências, desde os que provêm de lares muito ricos até os moradores das favelas, periferia urbana ou zona rural.

A escola é constituída de valores, hábitos e necessidades de classe média ocasionando a inadaptação dos alunos das classes mais baixas. Rotula esses alunos de carentes ou privados culturalmente acomodando-se no seu fracasso que nunca reconhece, sempre jogando este em cima dos alunos.

A escola ignora todo o saber das experiências anteriores e atuais da criança de classe baixa. Essas crianças frequentemente desenvolvem, por força das circunstâncias, autonomia e inventividade que as crianças de classe média desconhecem, mas a escola ignora tudo isso. Programas organizados em função de cultura urbana aplicados em zona rural, por exem -

plo, anulam a contribuição que as experiências anteriores poderiam dar. Geralmente a inadaptação é vista do aluno na escola. E a inadaptação da escola ao aluno?

É claro que a escola não pode perder de vista sua função de transmitir conhecimentos que vêm sendo acumulados durante os anos, mas ela pode permitir que a aprendizagem se torne mais significativa, não "expulsando" os inadaptados dela.

O meio sócio-econômico-cultural como fator determinante de dificuldades

O lar desenvolve na criança a linguagem, capacidade de aprender, qualidades exigidas pelo bom desempenho do aluno na vida escolar (ex: hábitos de estudo, interesses por tarefas básicas ao trabalho escolar, etc).

Vários estudos foram feitos (Coleman, 1966 - Plowden, 1967 - Husen, 1967 - Thorndike, 1973 - Comber e Keeves, 1973 e Furves, 1973) em relação à aprendizagem na escola e foi constatado que a variação do desempenho escolar entre os alunos pode ser atribuída às diferenças de ambiente familiar.

O lar é um importante meio (favorável ou não) para o desenvolvimento de características básicas que são fundamentais à aprendizagem e de certa forma exigidas pela escola. Alguns lares desempenham bem essa função, mas outros a realizam de forma precária.

Essa diferença de desempenho de função pode ser atribuída a fatores de nível econômico dos pais, seu nível de educação, outras características de status ou pela falta de advertência dos efeitos que têm suas interações com os filhos.

O meio sócio-cultural onde a criança vive compromete os demais fatores (já citados) que estão presentes na aprendizagem, prefigurando e determinando a permanência da

própria desigualdade social.

A "pobreza" do meio pode retardar o desenvolvimento, havendo a possibilidade de extinção de determinadas capacidades que não foram estimuladas no devido tempo.

Isso não quer dizer que colocadas em igualdade de condições sócio-culturais todas as crianças teriam a mesma possibilidade de sucesso, pois como já dissemos, as dificuldades nunca são causadas por um só fator.

A privação cultural

Tem crianças que apresentam aprendizagem lenta porque as experiências de aprendizagem que lhes foram apresentadas eram muito limitadas ou tão caóticas que não forneceram as informações necessárias. São crianças privadas culturalmente. Essas crianças falham porque não possuem número suficiente de informações que lhes permite solucionar certos tipos de problemas.

A privação cultural pode ser entendida como carência de estimulação visual, auditiva, social e afetiva; e pouca ou nenhuma atenção atribuída à comunicação verbal e a pobreza dos modelos encontrados no lar e na vizinhança.

Por exemplo, podemos citar alguns autores como Bloom, Davis e Hess⁽⁸⁾ para os quais as origens dos problemas que as crianças apresentam na idade escolar, encontram-se nas experiências vividas em lares que não transmitem os padrões culturais necessários a um desempenho adequado das tarefas propostas pela escola e pela sociedade em geral.

Vários estudos mostram que os resultados positivos sobre desenvolvimento intelectual, encontram-se mais facilmente associados às crianças pertencentes aos níveis sócio-econômicos mais altos. Convém agora saber se o que é pedido em tes-

tes que medem o desenvolvimento intelectual levam em conta a cultura real da criança ou a burguesa.

A criança taxada de deficiente cultural possui também problemas no desenvolvimento da percepção porque no seu ambiente há pouca coisa para perceber do mundo burguês.

"Como decorrência das deficiências culturais, a criança de nível sócio-econômico baixo, além de obter ~~os~~ resultados mais baixos nos testes de nível intelectual do que as crianças da mesma idade e de nível sócio-econômico mais alto, obtém, como grupo, resultados inferiores em testes de capacidades específicas como por exemplo nas provas de conceituação aritmética e de capacidade conceitual".⁽⁹⁾

Surgem então as questões: a que tipo de cultura essas crianças são privadas? Existe só um tipo de cultura? Se as crianças de classe alta fossem testadas na cultura das crianças pobres manteriam os mesmos resultados?

As crianças das classes mais baixas, com "vivências exteriores restritas" podem apresentar estagnação ou atraso no amadurecimento de certas funções mentais, interferindo no rendimento escolar, principalmente se o que é cobrado destas crianças não faz parte de sua realidade ou de sua vivência.

Até que ponto afirmar que uma criança fracassa na escola porque é desprivilegiada culturalmente, e, repete e reforça uma visão de mundo gerada pela classe social dominante e seus intelectuais e são impostas à sociedade inteira como se fossem valores universais?

Hoje, no Brasil, está havendo uma passagem do termo "deficiente" para "diferente". As crianças das camadas populares falam uma linguagem diferente daquela da criança das classes média e alta; resolvem problemas de formas diferentes (isso não quer dizer que não são capazes de resolver) e têm toda uma experiência de vida diferente da experiência de vida das

crianças das classes média e alta. As dificuldades de aprendizagem, nesse caso, seriam ocasionadas pelo fato de a escola não estar levando em conta essas diferenças. Os professores estariam esperando uma criança idealizada (típica da classe média ou alta). Neste momento o que surge é a necessidade de adequar a escola à realidade dessa criança, à sua maneira de ser, tomando o cuidado de se questionar até que ponto esse tipo de colocação (adequar a escola à realidade) é fiel.

DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Os tipos de dificuldades apresentados pelas crianças são inúmeros. Cada criança tem sua maneira própria de reagir aos fatores que causam dificuldades.

Algumas crianças apresentam dificuldades em aceitar regras; outras entram em estado depressivo (angústia, tensão) que às vezes são gerados pelo próprio professor.

Algumas das dificuldades mais conhecidas são dislexia, disortografia, disgrafia, hiperatividade (indisciplina, desinteresse e rebeldia), crianças limítrofes ou superdotadas, sentimento de inferioridade e falta de integração.

A seguir, daremos uma breve explicação do que seria cada uma delas:

A dislexia é as trocas visuais, auditivas, omissões ou inversões. São exemplos de dislexia: troca de consoantes (F por V, P por B, T por D, Ch por J); troca de nasais por orais: in(terior) por i(terior); troca de letras (u por n , p por q, d por b, f por t).

Os motivos que fazem com que a criança troque as letras podem ser: o professor não pronuncia claramente as palavras gerando a confusão. Às vezes a criança não tem concei

tos de lateralidade (direito/esquerdo). No caso do p e do q, as duas letras são iguais (um pauzinho e uma bolinha, não reparando o lado em que a "bolinha" está). Muitas vezes não é problema de aprendizagem, mas problema de vista.

A falta de respeito à linguagem regional pelo professor pode causar essas trocas; é necessário uma adaptação da dicção do professor à dicção dos alunos, mas isso não implica o permitir que o aluno fale e escreva totalmente errado; seria levar ao exagero a adaptação.

A troca de letras é muito comum porque estas são muito parecidas e as crianças (que apresentam essa dificuldade) geralmente não estão familiarizadas com a escrita e acabam confundindo. Exemplo: d e b ou p e q.

A disortografia é a falta de conhecimento e da relação entre o som e a escrita da palavra. Por exemplo:

João era o fortão da rua; fazia de tudo para aparecer.

João era o vortão da rua; vazia de tuto para avarecer.

João o fortou da rua faz de dedu adarecer.

As crianças que apresentam essa dificuldade geralmente apenas decoram as letras isoladamente, fora de um contexto. Não percebem que o "pedacinho" da do dado é também o mesmo de dama e cada; para essas crianças o da é somente da palavra dado.

A disgrafia ("letra feia") é consequência da dificuldade de recordar a grafia correta para representar um som. Entende-se aqui por "letra feia" a letra ilegível, onde não se consegue entender quase nada.

Há os rígidos (crianças que possuem uma grafia rígida e tensa) e os relaxados (grafias dispersas e sem precisão).

A hiperatividade é a dificuldade de se concentrar

nas atividades em geral. A criança hiperativa geralmente é indisciplinada, inquieta, perturbando os demais coleguinhos, principalmente, se o professor exige que ela fique sentada e quieta por muito tempo. Se as atividades que são dadas não utilizam toda energia que essa criança tem acumulada, ela tende a se tornar desinteressada e rebelde, procurando "coisas prá fazer", o que implica movimento. Se o professor dessa criança for aquele em que os alunos devem ser comportadinhos cada um no seu lugar, ela dificilmente progredirá no seu aprendizado sendo discriminada pelo professor.

A criança que apresenta dificuldades de aprender às vezes possuem dificuldades de generalização (integração e organização de dados. Eles permanecem isolados e muito independentes). Essa criança aprende e adquire fatos e habilidades com facilidade mas ao tentar organizar esses fatos surge o problema. Quando necessita de muitos dados para resolver um problema, ela precisa "rever" seus conhecimentos, analisando um por um, ou para utilizá-los ou para rejeitá-los, necessitando de um tempo que às vezes não lhe é dado.

Não é somente a falta de informações que causam a dificuldade de generalização; a falta de integração do corpo de dados, que perturbam o comportamento e a aprendizagem, causa também essa dificuldade.

O processo de generalização constitui problema para as crianças que apresentam distúrbios no funcionamento do Sistema Nervoso Central. Esse distúrbio geralmente ocorre no nascimento da criança ou próximo dele. São falhas na generalização de todos ou de um grande número de estágios do desenvolvimento. Quando esses estágios de desenvolvimento falham ou estão atrasados, a criança apresenta uma aprendizagem muito lenta. O comportamento dessa criança fica perturbado; ela está ciente de seus erros, mas não sabe o que está errado nem

porquê.

As crianças limítrofes são aquelas que não conseguem realizar atividades que encerram abstrações e as superdotadas apresentam desinteresse no trabalho escolar pela incompatibilidade de ritmo. Esses dois tipos de crianças podem ser desinteressadas, indisciplinadas, passivas ou alheias a tudo principalmente se não receberem a atenção adequada, o que ocorre muito nas escolas por falta de habilidade e conhecimento do professor causando mais dificuldades.

A indisciplina, desinteresse, rebeldia são também problemas que impedem o aluno de aprender. Cabe ao professor analisar o porquê desses comportamentos e procurar eliminá-los.

Um outro tipo de dificuldade de aprendizagem é o sentimento de frustração e inferioridade que vários alunos apresentam. Geralmente são crianças da classe mais baixa que apresentam esses sentimentos, pois estudam "coisas" que não fazem parte da sua própria vida; se sentem uns estranhos dentro de um contexto de classe média e alta. As crianças das camadas populares tentam aprender algo que não foi feito para elas; não conseguindo ficam frustradas e cada vez mais convencidas de que são inferiores e incapazes. Esses sentimentos nos levam a outra dificuldade: a integração dessas crianças "desprivilegiadas".

Para que a aprendizagem ocorra naturalmente a criança deve estar integrada no meio onde a primeira se dará. Como uma criança vai aprender num lugar em que ela se sente diminuída, onde tratam de coisas de que ela nunca viu ou viveu? É claro que a criança não vai para a escola aprender somente coisas já vistas ou vividas, mas partindo destas é que se deve chegar às que não são conhecidas. Isso é a aprendizagem significativa.

POSTURAS DO PROFESSOR

Não há "fórmulas mágicas" para o professor resolver as dificuldades de aprendizagem. Cada dificuldade requer um tipo de postura que vai depender da relação professor-aluno(a-fetividade).

As dificuldades não devem ser cuidadas só por meio de tratamentos. Primeiramente, porque não se tem o número suficiente de especialistas e segundo, o professor que encaminha essas crianças para tratamento, está evitando trabalhar com elas porque se sente incapaz de fazê-lo. Encaminha para uma outra classe ou para a classe "especial", refletindo sua própria insegurança. O professor é quem tem dificuldade de ensinar a essas crianças que não aprendem pelos métodos convencionais. É mais cômodo "empurrar" essa criança para frente (ou para trás) do que questionar-se, estudando outras maneiras de lidar com elas, o que realmente dá muito trabalho.

A própria postura do professor de utilizar determinado método pode criar as dificuldades, principalmente se este último for mal empregado. O professor deve ser flexível, tendo consciência dos alunos que realmente tem e não dar aula para alunos idealizados.

O professor não pode rotular ou discriminar uma criança porque estará contribuindo e até forçando para que essa criança não progrida. Deve respeitar a individualidade de cada aluno, não transferindo para este todo o problema.

Vamos especificar alguns casos;

A criança hiperativa: o professor deve dar atividades que prendam a atenção dessa criança. Deve ensiná-la a dominar sua energia acumulada, limitando suas ações, mas não obrigando-a a fazer uma só coisa. Não deve jogar para cima da criança um monte de atividades só para mantê-la ocupada, pois,

assim, não estará resolvendo nada, mas fazendo com que esta criança se sinta uma escrava.

No caso das crianças "privadas culturalmente" devemos levar em conta que estas já possuem padrões de generalização, mesmo com poucas informações. Não se deve fornecer experiências de aprendizagem a ela de modo que forme padrões novos, mas deve-se partir de onde a criança se encontra, adicionando-se experiências novas. Essas experiências adicionais devem estar relacionadas com o que se formou antes, de modo a expandir os padrões de generalização e não criar novos padrões e um corpo separado de informações.

Se falharmos na tarefa de ensinar a criança a utilizar todas as informações de forma prática, o resultado será uma coleção de fatos que não poderão ser ordenados nem aplicados a um problema.

Muitas vezes surge a Educação Compensatória que tem a intenção de suprir experiências anteriores imprescindíveis, mas ausentes. Esse tipo de educação é mais adaptatória do que compensatória porque não leva em conta as experiências das crianças, mas força-as a assimilarem uma cultura que não é a sua.

Para se trabalhar com os diversos tipos de dificuldades, o professor deve coletar dados tentando traçar um perfil adequado do caso. Tentar levantar informações sobre os alunos com dificuldades, mas não de uma maneira como se eles fossem coisas a serem estudadas, mas seres humanos que necessitam de uma nova postura. Se possível, esses dados devem ser discutidos com outros professores e especialistas da área, para que a mudança de atitude do professor realmente ocorra, ao invés de esquecer ou reforçar as dificuldades por repetições inúteis. Assim, o professor irá compreendê-las e procurar um material satisfatório para lidar com elas.

"Há sempre o perigo de havendo-se encontrado uma designação impressiva para a criança, cessarem os esforços no sentido de ajudá-la, porque a designação é considerada como uma explicação do problema. A afirmação: 'Ele é portador de distúrbios de aprendizagem, razão, porque, certamente não se pode esperar que aprenda' sempre serve de desculpa a fim de se desistir dos esforços para ensinar tal criança".(10)

O professor não pode se acomodar, rotulando tal criança disso ou daquilo. Um cartum do humorista Feiffer mostra o seguinte monólogo de um indivíduo popular:

"Eu pensava que era pobre. Aí, disseram que eu não era pobre, eu era necessitado. Aí, disseram que era autodefesa eu me considerar necessitado, eu era deficiente. Aí, disseram que deficiente era uma péssima imagem, eu era carente. Aí, disseram que carente era um termo inadequado, eu era desprivilegiado. Até hoje eu não tenho um tostão, mas tenho um grande vocabulário".(11)

No caso desse indivíduo, não se passou apenas da rotulação deste por denominações teóricas: sua situação continuou a mesma.

O que deve realmente acontecer é se estabelecer uma ponte entre o campo de pesquisas e a sala de aula, porque o professor que enfrenta as dificuldades no seu dia-a-dia se encontra desarmado para fazê-lo com alguma segurança. Os psicólogos pesquisaram sobre os problemas de aprendizagem nas crianças, mas o procedimento do professor na classe permaneceu singularmente alheio a tudo quanto a psicologia pode lhe oferecer.

O primeiro passo, para se saber qual a postura mais adequada a ser tomada em cada caso, é ter em mente que nossos alunos são seres humanos e devem ser tratados como tais.

CONCLUSÕES

Podemos perceber que as crianças que apresentam dificuldades de aprender, geralmente, são crianças das classes mais baixas porque a escola não foi feita para elas.

As dificuldades na aprendizagem são tratadas como distúrbios do sistema nervoso, deficiência mental, lesão cerebral mínima, privação cultural, etc., porque não está provado que fatores emocionais causam dificuldades (a separação dos pais, por exemplo), fazendo com que certos autores insistam em atribuir para a criança uma lesão cerebral mínima. Isso só gera uma discriminação muito grande das crianças das classes pobres que são portadoras dessas dificuldades.

Quando sentimos dificuldades em realizar alguma coisa, é porque não a dominamos ou não estamos familiarizados com ela. A criança na escola é a mesma coisa; se ela está tendo dificuldade é porque não está familiarizada com o que está acontecendo. Não temos o direito de "expulsar" essa criança da escola só porque ela não corresponde às nossas expectativas ou porque ela exige um esforço maior da nossa parte. Geralmente, o aluno tem dificuldade quando o ensino não está adequado a ele, (postura do professor, currículo, etc), mas é sempre mais fácil culpá-lo.

Temos que parar de tratar as crianças com dificuldades como "seres doentes ou deficientes". Temos que nos propor a fazer algo por elas e realmente fazer.

Às vezes, o professor precisa recorrer a outras fontes que não sejam suas próprias experiências e muitas vezes não as encontra. Na maioria dos livros que consultei, as dificuldades são tratadas como deficiências mentais ou físicas (sistema nervoso) da criança e sabemos que não é somente isso. O próprio professor pode criar e contribuir para as dificuldades

des surgirem e se desenvolverem.

Cumpre deixar claro que coloquei certas idéias para ajudar na exposição da situação atual, o que não significa que concorde com elas.

A dificuldade em se aprender é uma questão muito séria que deve ser pensada e repensada por aqueles que se propõem a fazer um trabalho consciente.

NOTAS

- (1) GATTI, Bernadete. "A Reprovação na 1ª série do 1º Grau: um Estudo de Caso". APUD Maria Helena Fatto. "A Criança da Escola Pública: Deficiente, Diferente ou Mal Trabalhada? in SÃO PAULO, (Estado) Secretaria de Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, Ciclo Básico, (São Paulo, SE/CENP, 1988), p.59.
- (2) Maria Ap. A. Moysés e Gerson Zanetta Lima, "Desnutrição e Fracasso Escolar: uma Relação tão Simples?", in Revista Ande, (nº 5, 1982), p.57.
- (3) Bruno Bettelheim, Uma Vida para seu Filho, trad. por Mau-
ra Sardinha e Maria Helena Geordane, (12ª reimpressãõ
Rio de Janeiro, Editora Campus, 1988), p. 47.
- (4) id., ibid., p. 49.
- (5) Pedro de Figueiredo Ferreira, Fatores Emocionais na Apre-
ndizagem, (Rio de Janeiro, Editora Fundo de Cultura ,
1960), p. 163.
- (6) Morris L. Bigge, Teorias da Aprendizagem para Professores,
trad. por José Augusto S. P. Neto e Marcos A. Rolfini,
(São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977),
p. 1.
- (7) Maria Ap. A. Moysés e Gerson Zanetta Lima, "Desnutrição e
Fracasso Escolar: uma Relação tão Simples?", in Revis-
ta Ande, (nº 5, 1982), p. 60.

- (8) Maria Helena Souza Patto, Privação Cultural e Educação Pré-Primária, (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1973), p. 46.
- (9) id. , ibid., p. 57.
- (10) Alan O. Ross, Aspectos Psicológicos dos Distúrbios de Aprendizagem e Dificuldades de leitura, trad. por Alexandre Fares, (São Paulo, Mc Graw-Hill do Brasil, 1979), p. 15.
- (11) Magda Soares, Linguagem e Escola, (6ª edição, São Paulo, Editora Ática, 1988), p. 52.

BIBLIOGRAFIA

1. BETTELHEIM, Bruno. Uma vida para seu Filho. Trad. por Maurara Sardinha e Maria Helena Geordane. (12ª reimpressão) Rio de Janeiro: Editora Campus, 1988.
2. BIGGE, Morris L.. Teorias da Aprendizagem para Professores. Trad. por José Augusto S. P. Neto e Marcos A. Rolfini. São Paulo: EPU, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.
3. BLOOM, Benjamin S.. Características Humanas e Aprendizagem Escolar. Trad. por Maria Angela V. de Almeida. Porto Alegre - Rio de Janeiro: Editora Globo, 1981.
4. FALCÃO, Gerson Marinho. Psicologia da Aprendizagem. (3ª edição) São Paulo: Editora Ática, 1986.
5. FERREIRA, Pedro de Figueiredo. Fatores Emocionais na Aprendizagem. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960.
6. GLAT, Rosana. "Integração do Excepcional: Realidade ou mito?" in Revista Mensagem da APAE, número 49 (Abril/Junho, 1988), p. 11-14.
7. KEPHART, Newell C.. O Aluno de Aprendizagem Lenta. Trad. por Ieda L. S. Gerhardt. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1986.
8. NOYSÉS, Maria Ap. A. e LIMA, Gerson Zanetta. "Desnutrição e Fracasso Escolar: uma Relação tão Simples?" in Revista Ande, nº 5 (1982), p. 57-60.

9. DANTO, Maria H. Souza. Privação Cultural e Educação Pré-Primária. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1973.
10. ECSS, Alan C.. Aspectos Psicológicos dos Distúrbios de Aprendizagem e Dificuldades na Leitura. Trad. por Alexandre Fares. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1979.
11. SÃO PAULO, (Estado). Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estado e Normas Pedagógicas. Ciclo Básico. São Paulo: SE/CENF, 1988.
12. SÃO PAULO, (Estado). Secretaria de Estado da Educação. Treinamento de Professores do Ensino de 1º Grau por Multimeios. Caderno 4. São Paulo: MEC/Prontel/SE/Fundação Padre Anchieta - TV 2 Cultura, 1978.
13. SCARES, Magda. Linguagem e Escola. (6ª edição) São Paulo: Editora Ática, 1988.